

O ESTATUTO DA LOUCURA - POR QUE REFORMA E NÃO REVOLUÇÃO?

Cláudio Jorge Gomes de Moraes*

Centro Universitário Cesmac

“Toda psicologia é somente uma fina película na superfície do mundo ético no qual o homem moderno busca sua verdade.”
(FOUCAULT, 2000, p.85).

A racionalidade do pensamento Moderno também marca os modelos de intervenção operados pela psicologia. A preocupação profilática orientada por uma lógica de causalidade e a constituição de saberes especializados
(GUARESCHI, 2009, p.171).

O positivismo foi o referencial teórico que determinou não só o assunto em questão, como também, a esfera da pesquisa social no mundo contemporâneo. Löwy (1995) comenta: “as ciências sociais deviam funcionar exatamente segundo esse modelo de objetividade científica”. Essa corrente foi assim questionada por ter defendido uma posição reducionista da filosofia e da sociedade humana através das leis imutáveis para além de todo fazer social. As ciências sociais para o positivismo deveriam ser da mesma forma que as ciências exatas livres supostamente de ideologias. Na esteira desse pensamento, o conhecimento *psi* acabou transferindo para sua metodologia o fazer das “ciências rígidas”, ou seja, métodos de testagens, padrões de comportamento e classificação do psiquismo fazendo da loucura um *status* do poder na lógica do capital.

É terreno comum o debate que aponta uma relação concreta entre a história da psicologia e as ciências da natureza, que tinha a extrema necessidade da busca de uma neutralidade pelo discurso da objetividade científica através de paradigma matemático ou mesmo orgânico, dentro de uma concepção naturalizante e até mesmo do tipo evolucionista de uma tradição eurocêntrica baseada na ideologia da normatização.

No viés da reflexão kantiana, reconhecemos como marco inaugural da modernidade o lema, *Sapere Aude*, isto é, ousa servir-te de tua razão - o que levaria o

sujeito a sair da menoridade, da qual ele é o único culpado, ou seja, seria atribuir à razão iluminista um fundamento ético para o desenvolvimento dos pilares da modernidade. A partir desta criou-se formas e instrumentos para construir um mundo mediado pela racionalidade técnica e desencantou o futuro pela lógica do cálculo. Segundo Neuza Maria (2009), produziu-se a crença na certeza de dominação da natureza e do universo, a retirada do futuro da esfera do acaso, do destino, da submissão aos deuses (...). Mas, a razão instrumental é um mecanismo para obter um fim e, não importa o conteúdo do conhecimento, ela precisa alcançar a sua finalidade a qualquer preço ou lucro. Pois, a mesma ciência que produz medicamentos também potencializa a fabricação de bombas atômicas, no entanto, as duas medidas são puramente racionais.

A crença no projeto da modernidade, ou seja, admiração pelo ideal de beleza e ordem deixou de lado a necessidade de estabelecer diante dos vetores da racionalidade uma crítica que pudesse revelar a impossibilidade da neutralidade do conhecimento científico com base no discurso da objetividade e imparcialidade. Assim, o Iluminismo que nos seus primórdios pregava a razão como uma das garantias da emancipação do sujeito moderno, entrou em crise quando os críticos do projeto da modernidade (entre eles Michel Foucault) questionaram o caráter estratégico da ciência, atribuindo à mesma uma relação direta com o saber/poder. Após ter demonizado a razão e invertido os imperativos ético e gnosiológico para uma prática discursiva, a pesquisa ou pelo menos, uma boa parte dos pesquisadores deixaram de analisar a realidade social como fundamento da práxis.

O mundo ocidental desenvolve o projeto de docilização a partir do discurso cartesiano fundador da racionalidade moderna atrelado ao mundo do trabalho que silencia e neutraliza aquele que resiste à normatização imposta pelos saberes vinculados ao capital. Assim, tal discurso constrói um dispositivo de exclusão para combater o miserável, o vagabundo e o louco. O universo cartesiano justificou através do *Cogito* o mito da objetividade para desmistificar o mundo em prol do cálculo, da exatidão, da eficácia e da racionalidade técnica e instrumental do capitalismo.

Segundo Michel Foucault, o século XIX defendeu a primazia da racionalidade sobre o mundo ocidental como afirma Olgária Matos (2005) “Pode-se duvidar da existência do mundo, aos erros na ciência, ao delírio e à alucinação. Penso, logo existo é uma verdade primeira e irresistível, apta a fundar a ciência”. Michel Foucault apontou a dolorosa vitória da razão cartesiana, com a qual se estabelecerá inevitavelmente o silêncio da loucura em pleno auge da modernidade.

Esse viés propõe pensar a loucura distinta daquela tipicamente positivista, baseada na racionalidade e pureza do comportamento e, acima de tudo, a serviço do capital. Porém, a proposta de se fazer uma saber dialético é, também poder, ao mesmo tempo, fundamentar o olhar sobre a batalha da reforma autoritária no Brasil, sem perder de vista a emancipação humana que a própria ciência perdeu de vista. No entanto, uma revolução na esfera *psi que* não entenda isto está socialmente na iminência de reproduzir o império cartesiano.

REFERÊNCIAS

- GUARESCHI, N. Foucault e a psicologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- _____. Doença mental e psicologia. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- _____. Microfísica do poder. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.
- _____. Os anormais: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOWY, M. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1995.
- MATOS, OLGÁRIA. A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 2005.

*Cláudio Jorge Gomes de Moraes: Licenciado e mestre pela UFPE e professor do Centro Universitário Cesmac.